

(Esta obra teve muitas reedições, nomeadamente em Espanha. Aqui apenas refiro as que foram feitas em Portugal: 1594-5 (1.ª e 2.ª partes), 1597, 1604, 1607, todas em Lisboa, por António Alvares; 1616, Lisboa Pedro Craesbeeck).

Exemplar consultado: ed. de 1594-5 da BGUC — R-42-3. Ao exemplar desta edição existente na BPMP — Y'2-6, faltam-lhe além do rosto, as primeiras páginas.

- 1578 — ROSARIO(OP), Diogo do — *Tratado de avisos de confesores*. Braga, Gonçalo Fernandes(?).
Não encontrei nenhum exemplar. Ver BM I 692.
- 1582 — MEDINA(OP), Bartolomeu de — *Breve instrucción de como se hade administrar el sacramento de la penitencia*. Lisboa, Manuel de Lira.
Esta obra fora impressa em Salamanca em 1580. (reed. em 1583 e 1591 em Lisboa, por Manuel de Lira).
Exemplar consultado: ed. de 1591, BPMP — Res. Y'2-5.
- 1586 — CORDOVA(OFM), António de — *Tratado de casos de consciencia*. Lisboa, Simão Lopes.
Exemplar consultado: BPMP — Res. Y'2-34.
- 1588 — COMA, Pedro Mártir — *Directorium curatorum, o instruction de çuras, util y provechoso para los que tienen cargo de animas. Nuevamente traduzido de lengua cathalana en vulgar castellano*. Lisboa, António Alvares.
(reed. em 1591, Lisboa, Antonio Alvares).
Exemplar consultado: ed. de 1588, BPMP — Res. D'1-25.

SIGLAS

- Ans. — ANSELMO, ANTONIO JOAQUIM, *Bibliografia das Obras Impresas em Portugal no século XVI*, Lisboa, B.N.L., 1940.
- BGUC — Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- BM — MACHADO, DIOGO BARBOSA, *Biblioteca Lusitana*, 4 v., Coimbra, 1967.
- BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa.
- BPADE — Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.
- BPMP — Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- Inoc. — SILVA, INOCENCIO FRANCISCO DA, *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, INCM, 1973.

Notas e Comentários

Álvaro de Campos, o heterónimo psíquico de Fernando Pessoa

O aspecto geralmente mais salientado da obra de Pessoa, e aquele que maior interesse tem despertado entre os críticos, é a originalidade de seus heterónimos¹. A criação de heterónimos não é propriamente uma novidade pessoana, visto diversos outros autores terem já criado personagens do tipo «alter ego» que bem se podem aproximar da construção mais minuciosa e criticamente desenvolvida por Pessoa². A novidade estará sobretudo na fundamentação da sua construção, no seu alcance e na fidelidade mantida ao longo de toda uma obra a essa «originalidade».

Os heterónimos pessoanos são geralmente apresentados em pé de igualdade entre si, como consequências de um mesmo fenómeno de criação, embora com importância diferente, segundo a cópia e a qualidade da sua produção.

Aquilo que queremos salientar é que há uma diferença qualitativa fundamental entre eles, na sua génese e na sua acção psíquica e literária.

Na conhecida «Carta sobre a génese dos heterónimos» a Adolfo Casais Monteiro, datada do ano da própria morte de Fernando Pessoa

¹ Resumindo a importância dos heterónimos, escreve Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, 1973, p. 228-29: «Se não pôde fabricar entidades simultaneamente vivas e autónomas, despersonalizar-se em absoluto, esconder-se para sempre atrás dos heterónimos, a verdade é que, pela criação heterónima, extraiu de si extraordinária riqueza de valores, à medida que se ia descobrindo e realizando como poeta».

Veja-se também, por exemplo, o que afirma Angel Crespo (*Estudios sobre Pessoa*, Barcelona, Bruguera, 1984, p. 103): «El caso de Pessoa es, en consecuencia, único: no puede compararse con el de los autores de obras teatrales... Un heterónimo pessoano es algo de mucho más complicado...».

² Sobre o assunto, veja-se ainda J. P. Coelho, *ob. cit.*, p. 209-210. Um dos casos mais próximos será o de Antonio Machado de quem na imprensa tanto se falou recentemente, a propósito do Congresso sobre a sua obra realizado na Universidade de Turim. Mas, no dizer de Actavio Paz, Abel Martín e Juan de Mairena seriam «máscaras transparentes» de Machado. Vide *Fernando Pessoa, Antología*, México, 1962. Outros exemplos na literatura europeia e portuguesa poderão ser apresentados: Garrett, Eça de Queiroz, Antero de Quental. Em nenhum caso, porém, se chegou ao grau de elaboração pessoano.

(13 de Janeiro de 1935, data da carta; e 30 de Novembro do mesmo ano, data da morte) > publicada pelo seu destinatário em 1937, na *Presença*³, e depois por Jorge de Sena, na *Páginas de Doutrina Estética*, que constituem a primeira antologia das obras de Pessoa em prosa⁴, encontramos uma quantidade de informações que, nem por serem constantemente repetidas, deixam de ter uma importância indiscutível para a compreensão do fenómeno heteronímico e do conjunto da personalidade literária do autor da *Mensagem*.

O primeiro desses aspectos é a explicação *psiquiátrica* que ele procura apresentar para a génese dos heterónimos (histeria, histero-neurastenia, tendência para a despersonalização e para a simulação)⁵.

O segundo aspecto é a afirmada tendência para a criação de um *mundo fictício*, em várias fases da sua vida, desde moço até à idade adulta.

O terceiro aspecto é o aparecimento de Ricardo Reis (recordemos: poeta de índole clássica e imbuído de paganismo) como resposta a um desejo de escrever poemas de índole pagã, a que deu o nome de «*Odes*».

O quarto é o que ele chama a *explosão extática* de Alberto Caeiro, no «dia mais triunfal da minha vida», bem como a «reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro», que conduziu à escrita dos seis poemas da «*Chuva Oblíqua*».

O quinto item a salientar é o aparecimento «impetuoso» de Álvaro de Campos, em derivação oposta à de Ricardo Reis, escrevendo de um jacto a «*Ode Triunfal*».

Desde o princípio, o aparecimento deste, que viria a ser o mais profícuo heterónimo, rodeou-se de algumas circunstâncias de fulcral importância, que o próprio Pessoa vislumbra já na sua narrativa a Casais Monteiro:

— A afirmação de que «tudo se passou independentemente de mim»;

— O recurso a um «duplo poder de despersonalização», para que o mesmo A. de Campos escrevesse um poema como o *Opiário*, por assim dizer, ainda despersonalizado;

— A confissão explícita de Pessoa que escreve como A. de Campos, quando «sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê».

Analisado assim sumariamente este texto fundamental, parece que podemos retirar uma conclusão: os heterónimos foram criados através de uma *simulação*, que se poderá situar a meio caminho entre a simples e pessoal criação literária (como terá inicialmente surgido Caeiro) e uma espécie de *extravasamento* de carácter fundamente psicológico, expressão

³ *Presença*, n.º 49, Junho de 1937.

⁴ *Páginas de Doutrina Estética*. Selecção, Prefácio e Notas de Jorge de Sena. Lisboa, Ed. Inquérito, [1946].

⁵ Com esta explicação contrasta a proposta por Gilberto de Melo Kujawski, referido por J. P. Coelho, *ob. cit.*, p. 224, dos heterónimos como «libertação íntima da linguagem», ou como «livres metamorfoses da linguagem».

O próprio Prado Coelho procura (p. 205 e seg.) traçar a proposta de um «processo psicológico» na criação dos heterónimos. Na obra atrás citada de A. Crespo, *Estudos Sobre Pessoa* encontramos também várias tentativas de interpretação do fenómeno heteronímico.

de uma necessidade interior, qualquer que seja a fundamentação que para este facto se possa encontrar.

Aqui chegados, declaremos que a ideia principal que quereríamos desenvolver e documentar quanto possível, para além do carácter de criação estética produtiva que os heterónimos indubitavelmente constituíram, é a seguinte:

Nem todos os heterónimos, mesmo estes mais conhecidos e importantes na sua criação literária, tiveram nem a mesma *profundidade* nem o mesmo *alcance*⁶.

Mais: situam-se em *níveis de criação* e de *comportamento* radicalmente diversos. E, de todos eles, houve apenas um que constituiu um verdadeiro *desdobramento de personalidade*, ou a «histeria» de que fala o próprio Pessoa, e que poderemos colocar em confronto e contraponto com todos os outros, que terão constituído pouco mais que *personalidades literárias*, perspectivas sem dúvida interessantes sobre a criação estética e seus meandros racionais e psico-sensitivos, mas todos eles muito longe da *profundidade psíquica incontida* assumida por Álvaro Campos, ressaltando sempre o papel atribuído ao semi-heterónimo Bernardo Soares (sob o qual escreveu o *Livro do Desassossego*, e que em «muitas coisas se parece com o Álvaro de Campos» e que considera como uma «mutilação» da sua (dele, Pessoa) personalidade.

Assim, na própria descrição *física* de cada um dos heterónimos, Fernando Pessoa faz questão (inconsciente, parece) de apresentar para Campos alguns traços indiscutíveis da sua própria fisionomia: «Entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português». Por outro lado, a sua qualidade de engenheiro naval, de formação britânica, surge claramente como o contraponto da própria formação sul-africana de F. Pessoa, em escolas e ambiente tipicamente inglês, para além do conhecimento perfeito que possuía da língua inglesa⁷.

Mas nada disto parece particularmente importante: são aspectos marginais de uma auto-análise necessariamente fragmentária.

Muito mais importante que tudo o já apresentado é a *consideração dos textos* atribuídos a cada um dos heterónimos, e a sua comparação mútua no sentido de se retirarem conclusões sobre a personalidade do genial criador de todos eles.

Uma leitura de Caeiro e Reis, mesmo que rápida, mostra-nos com clareza que estamos perante *personalidades literárias*, inventadas e conduzidas na sua existência real, que é a escrita, com uma lógica por

⁶ O facto é evidente, até pela divulgação que lhes tem sido dada nos estudos críticos. Campos, Reis, Caeiro são as referências quase exclusivas para quando se fala de heterónimos — além, naturalmente, do ortónimo. Mas a recente divulgação do *Livro do Desassossego* (Lisboa, Ática, 1986) atribuído ao semi-heterónimo Bernardo Soares demonstra que talvez haja ainda caminhos de investigação a percorrer neste domínio.

⁷ Importará aqui referir a consideração dos heterónimos pelo próprio Pessoa como «desdobramentos de personalidade, ou, antes, como invenções de personalidades diferentes...» (*Obra poética*, org. de Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, 1962, p. 198), bem como o conceito da escrita heteronímica como uma forma de expressão dramática, não em personagens, mas «em gente». Vide este texto também em *Páginas íntimas e de Auto-interpretação*, Ática, Lisboa, s.d.

vezes rigorosa, mas por vezes também sujeita a fugas incontroladas: a mística do *olhar a Natureza*, do sentir nem sequer como um homem, mas apenas como *quem sente a Natureza*, não raro é traída pela incursão incontida nos domínios da metafísica, da elucubração religiosa, nas questões sociais e em semelhantes situações, dados que ultrapassam largamente o apregoado *existir claramente*, ou a afirmação que «o único sentido oculto das coisas é elas não terem sentido oculto nenhum».

Igualmente o *paganismo* de Ricardo Reis é frequentemente um *paganismo impessoal*. É um *paganismo* em si mesmo, não um *paganismo* vivido ou sentido por alguém, mesmo que esse alguém fosse ente de ficção. É o *paganismo* enquanto entidade autónoma, portanto inexistente em algum ser pensante real. Não é pois o *paganismo* de um homem pagão vivente, mas apenas aquilo que ficaria ao homem pagão se por hipótese lhe retirássemos o *homem*: é um *paganismo* sem pessoa, sem Pessoa.

Por isso Reis é o menos *peçoal* (no sentido personalista e humano do termo) de todos os heterónimos. É apenas, parafraseando uma frase sua, aquele que projecta ideias «em palavras, através da emoção»; «a emoção não é a base da poesia: é tão somente o meio de que a ideia se serve para se reduzir a palavras». Reis é, assim, o mais «intelectualizado» dos heterónimos pessoanos. Ele mesmo o diria: «quanto é alto e régio o *pensamento*, súbdita a frase o busca e o escravo ritmo o serve». Coisa que a Álvaro de Campos pareceria impossível, porque para ele o *pensamento* deve ser a *emoção* que corre e se expande livremente, e toda a base da arte é a *sensação*.

Reis será assim, justamente, o oposto — ou a fuga — à concepção não aristotélica da Arte propugnada por Álvaro de Campos, sobretudo nos seus primeiros escritos⁸.

Mas, por muito que Campos teorize sobre a arte e a poesia (sensacionismo, estética não aristotélica, arte baseada na força e não na beleza, na dinâmica e não no equilíbrio, etc.), ele acaba sempre por regressar, por formas mais ou menos explícitas ou evidentes, à sua qualidade de *outro-eu* de Pessoa, de verdadeiro desdobramento da sua personalidade, de real manifestação daquilo que na citada carta a Casais Monteiro designa por a sua «histeria». Verdadeiro «simulador de boa fé», como chamou Babinsky ao histórico, Álvaro de Campos assume o Fernando Pessoa (ou Pessoa assume-se como Álvaro de Campos) quando é assumido pelas crises de histeria, de que aliás ele tinha evidente consciência.

Não apenas nas explicações que claramente transmitiu, na sua já adulta idade e pouco antes da morte, a Casais Monteiro, mas em muitos outros indícios anteriores, mais ou menos criticamente analisados por si mesmo.

É um percurso de tais indícios que tentaremos fazer de seguida.

⁸ Vide «Apontamentos para uma estética não-aristotélica», in *Páginas de Doutrina Estética*, Lisboa, [1946], p. 115.

Iniciemos esse percurso textual dos *indícios* das características de Álvaro de Campos como *outro-eu* de Pessoa por aquele texto que, por menos literário e mais íntimo, por (em princípio, pelo menos) não ter sido escrito para ser publicado, mas que o foi, por certo para além do desejo e da intenção do seu autor: quando morremos, acontece sempre o que dizia o Mário de Sá-Carneiro: todos batem em latas, rompem aos saltos e aos pinotes...

No relato da Ophelia Queiroz, publicado como introdução à edição das «Cartas de Amor de Fernando Pessoa», encontra-se o seguinte⁹:

«O Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como o Álvaro de Campos. Dizia-me então: «Hoje não fui eu que vim, foi o meu amigo A. de C.»... Portava-se nestas alturas de uma forma totalmente diferente. Destrambilhado, dizendo coisas sem nexos». E acrescenta (bem significativamente): «Raramente falava no Caeiro, no Reis ou no Soares».

Este apontamento poderia ser apenas esporádico, meramente de carácter sentimental, e carecer portanto de qualquer relevante interesse literário, se não fosse amplamente comprovado, como adiante se verá, por outros escritos dos mais belos, inesperados e profundos do Álvaro de Campos.

Numa dessas «Cartas de Amor», assinada por Álvaro de Campos, diz-se o seguinte «Um objecto e miserável indivíduo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-se de comunicar a V. Ex.^a — considerando que o estado mental dele o impede de comunicar qualquer coisa...»¹⁰ E recordemos aqui o que Jacinto do Prado Coelho faz notar na *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, citando Alfredo Guisado: «que às vezes Pessoa o encontrava na rua e lhe dizia «Você hoje vai falar com o A. de C.». E acrescenta: «tinha realmente nesse dia uma maneira de falar, uma maneira de dizer, uma maneira de sentir diversa daquele com que costumávamos encontrá-lo» (p. 71).

Na atrás citada carta a Ophelia, assinada por «Álvaro de Campos, engenheiro naval» proíbe-se a destinatária de «pensar no indivíduo em questão» (F.P.), aconselha-se-lhe a pegar na imagem mental que «acaso tenha formado do indivíduo e deitar essa imagem mental na pia, por ser impossível dar esse justo destino à entidade fingidamente humana a quem ele competiria»¹¹. Chegamos ao extremo verdadeiramente desconcertante de ser o *heterónimo a considerar o seu criador* como entidade fingidamente humana!

Este desdobramento entre Campos e Pessoa terá sido um dos dados fundamentais (entre muitos outros, plausivelmente, que edificaram o edifício de incomunicabilidade entre os dois) conducentes, na

⁹ *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Organização, prefácio e notas de David Mourão-Ferreira. Lisboa, Ática, 1978, p. 37. Aliás, em várias outras cartas refere o nome de A. de Campos. E chega mesmo a afirmar a Ofélia que gostaria de estar com ela, «e sem o Álvaro de Campos; que ela, naturalmente não gostaria que esse distinto engenheiro aparecesse» (ib., p. 109).

¹⁰ *Ibidem*, p. 145.

¹¹ *Ibidem*, p. 145.

primeira e na segunda vez, talvez mais na segunda que na primeira (nos anos de 1919-20 e 29-30) à irremediável e certamente lastimosa separação entre Fernando e Ophelia, raiz profunda da incapacidade de comunicação para a qual não se vislumbra razão plausível.

Mas, mais importante e fundamental que tudo isto será percorrer os textos poéticos de A. de Campos, e tentar discernir neles o homem sofredor e acabrunhado que o próprio Pessoa terá sido. O «*drama em gente*», como luminosamente ele próprio chamou à criação herenonímica, foi, nesta dualidade pessoal, um verdadeiro drama interior, uma verdadeira ruptura dolorosa da personalidade.

Esses poemas, digamos confessionais, de A. de Campos foram-se tornando cada vez mais frequentes e mais «*insinceramente sinceros*», à medida que os anos decorrem e na razão directa do afastamento dos anos do Orpheu. Aos poemas tipicamente *sensacionistas*, como as *Odes Triunfal ou Marítima*, aos poemas decadentistas (no sentido literário do termo) como o *Opiário*, gestados nos anos em que Fernando reconstituiu dentro de si as suas personalidades literárias, em gloriosa aventura de criação modernista, sensacionalista, futurista, segue-se com progressivo rigor, um *outro tipo de poemas* onde o que claramente perpassa é toda a ausência de concepções estéticas e toda a presença da *expressão vivencial* transformada em dominadoras *realizações estéticas*, em expressão vigorosa e incontida de conflitos emocionais e psíquicos.

Assim, à busca da *emoção* como fundamento de toda a Arte, à procura da sensação como ponto de partida de toda a expressão, segue-se, em contraponto, a *expressão da verdadeira emoção*, do *pathos*, do sofrimento real, da inquietação vivida. Poemas como *Tabacaria, Lisbon revisited, Insónia* e tantos outros dos anos 1920-30 manifestam indelutavelmente o homem angustiado e são uma constante reflexão sobre a realidade plausível da sua própria vida, como Campos ou como Pessoa, ou como a *fissura inconclusa* que há entre os dois¹².

Alguns exemplos, captados no percurso dos poemas de Campos, quase ao acaso:

a) A separação traumática de Ophelia, na sequência do seu primeiro período de namoro: «Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? Queriam-me o contrário disso, o contrário de qualquer coisa? Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes a todos a vontade» (1923). Insere-se, por certo, na mesma linha, a reflexão póstuma e jocosa, segundo a qual «todas as cartas de amor são ridículas»;

b) A recordação da *infância* perdida (presente já em poemas de Pessoa, como as *Impressões do Crepúsculo*, e que percorre regularmente, como «leit-motiv», toda a sua poesia, até em Caeiro, como no notável poema VIII de *O Guardador de Rebanhos*, temas que retomava igualmente numa das suas cartas a Ophelia): «Outra vez te revejo, cidade da minha infância pavorosamente perdida ... Outra vez te revejo com o

¹² Escreve J. P. Coelho, *ibid.*, p. 70: «O estilo ressent-se da modorra como das crises de histerismo, atira desordenadamente ao papel desejos, pensamentos, imagens que lhe ocorrem, num estado de semi-inconsciência, à deriva».

coração longínquo e a alma menos minha» (1926). «No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma...» (1929);

c) A *consciência da fragmentação múltipla* da sua própria personalidade, não já o talvez literário «multipliquei-me para me sentir» da *Passagem das horas*, mas antes «A grande mágoa de todas as coisas serem bocados, caminhos sem fim»: «A minha alma partiu-se como um vaso vazio, caiu pela escada excessivamente abaixo». «A minha obra? A minha alma principal? A minha vida? Um caco» (1929);

d) A *consciência indefinida e «impossivelmente real» do génio falhado*, pelo menos parcialmente, pelo menos humanamente: a «máscara pegada à cara»: «Serei sempre e só o que tinha qualidades; serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé duma parede sem porta, e cantou a cantiga do Infinito numa capoeira, e ouviu a voz de Deus num poço tapado» (1928);

e) A *consciência do seu desfasamento com a «realidade plausível»* e do vazio inclassificável dentro de si: «Meu coração é um balde despejado ... Fiz de mim o que não soube, e o que podia fazer de mim não o fiz» (1928);

f) A *angústia física da insónia* (note-se que é precisamente A. de Campos quem mais fala desta doença de Pessoa): «Nas noites de insónia, substância natural de todas as minhas noites...» «Espera-me uma insónia da largura dos astros... Não posso pensar quando acordo de noite... Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!» (1929);

g) A *nostalgia do lar* que acabara de perder isto é, que acabara de *não construir* (Janeiro de 1930, separação definitiva de Ophelia): «Hoje quero só sossego. Até amaria o lar, desde que o não tivesse... Carinhos? Afectos... São memórias» (1930);

h) O *homem inadaptado ao quotidiano*; a angústia, a esperança, o *cansaço*.

O cansaço, tema que aparece em quase todos os poemas assinados por Campos, e que correspondem aos últimos anos da vida do poeta: «Estou cansado, é claro, porque a certa altura a gente tem de estar cansado. De que estou cansado, não sei...» (1935);

i) «Ah, perante esta única realidade que é o mistério!»

Depois deste percurso algo sinuoso, creio que se patenteia o que queríamos evidenciar: Álvaro de Campos é o mais rico, o mais profundo, o único verdadeiro *heterónimo psíquico* de Pessoa. As diferenças entre Campos/Pessoa serão mais do tipo temperamental, entre o febril, o nervoso, o desordenado de Campos e a serenidade, a introspecção, a densidade psicológica e mental de F. Pessoa.

Campos terá começado, como os outros, por ter sido uma construção, digamos, uma *aventura literária*. Ou mesmo, como ele próprio escreve, o esforço de construção de «um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica»¹³. Mas desde cedo

¹³ *Obda poética*, Agullar, 1962, p. 199.

que Campos discute todos os problemas e posições, mesmo literárias e filosóficas, assumidos por Pessoa. É o único que lhe dirige *réplica poética*. É o único que o *substitui*, até nos encontros com os amigos e no namoro. É o único que fala de sua vida psíquica: do que vive e sente, do quotidiano, da dor, da esperança, do mistério.

Ele é, na verdade, o *Pessoa-outro*.

M. CORREIA FERNANDES

Da Pós-modernidade à Era Ecuménica

1989 — Início de uma nova era?

Hoje, e mais do que nunca, somos europeus e ocidentais. Por isso, tudo o que concerne a esta condição e área civilizacional nos afecta e nos interessa profundamente.

Mesmo em ordem à nova evangelização, que a Igreja está empenhada em empreender e parece adequar-se a um apelo da hora que vivemos, hora de profundas transformações e esperanças, que fazem augurar para o Cristianismo o estatuto ou papel de religião do futuro, já do imediato século XXI.

A filosofia pode constituir e deve constituir uma mediação creditada desta nova evangelização, não em abstracto, mas, por exemplo, propiciando uma leitura dos acontecimentos vertiginosos, registados na Europa de Leste, durante o ano transacto. Assim facultará ao evangelizador uma mentalidade liberta dos seus demónios interiores, sempre renascentes, evitando um conservadorismo e restauracionismo que o tornam menos ágil e anacrónico ou um progressismo que o torna precipitado e irrealista.

É este um serviço indispensável e, portanto, uma mediação concreta para a nova evangelização, a atender, apesar de colocar-se ao nível da filosofia da história e da cultura.

Antevisão de uma síntese de liberdade e igualdade

As profundas mutações verificadas no Leste europeu, de ordem social, política e económica, simbolizadas pela queda do muro de Berlim, eram previsíveis e desejadas, à luz de uma interpretação dialéctica da história e da esperança escatológica do Reino de Deus. Mas constituíram jubilosa surpresa, quanto ao momento e ao modo da sua ocorrência. Não se esperava que acontecessem tão proximamente, nem por implosão, ou seja, por iniciativa controlada dos poderes constituídos, e sem violência, pelo menos generalizada, ou vinda do exterior.

Qualquer que seja o rumo do processo em curso, a exigir sábia e cautelosa pedagogia política, uma coisa é certa: a derrocada do sistema colectivista, do socialismo real e, consequentemente, dos pressupostos filosóficos em que assentava — a utopia marxista. Não é apenas o estalinismo, ou o leninismo que estão em causa, mas o próprio marxismo,